



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

PARTE 1 - CAPÍTULO 3 **O DOM DE SI NAS OBRAS**

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

Página 92

A Vida, e não apenas um Além-da-Vida silencioso e remoto, é o campo do nosso Ioga. Seu propósito central é transformar nossa maneira humana superficial, estreita e fragmentária de pensar, ver, sentir e ser, em uma consciência espiritual vasta e profunda, em uma existência interior e exterior integrada, e nossa vida humana comum em uma maneira divina de viver.

O meio para alcançar esse fim supremo é a entrega de toda a nossa natureza ao Divino. Tudo deve ser dado ao Divino em nós, o ego deve voltar-se em direção a Isto que é infinitamente maior do que ele, dar-se e fazer sua indispensável entrega.

A vida da criatura humana compõe-se de uma massa de pensamentos, percepções, sensações, emoções, desejos, alegrias, em grande parte habituais e repetitivos, mas todos centrados em torno de um ego de superfície. A soma dos movimentos dessas atividades resulta em um crescimento interno, que em parte é visível e em parte é uma semente de progresso para vidas futuras.

Esse crescimento de nosso ser consciente, a expansão, a expressão progressiva, o desenvolvimento cada vez mais harmonizado das diversas partes que nos constituem são o próprio sentido e o cerne da existência humana. É para esse desenvolvimento significativo da consciência pelo pensamento, pela vontade, pela emoção, pelo desejo, pela ação e pela

experiência, que o ser humano entrou no corpo material. Tudo o mais é acessório; apenas importa aquilo que sustenta e ajuda a evolução da natureza do ser humano, e o crescimento ou, antes, o desdobramento progressivo e a descoberta de seu self e espírito.

Página 93

O propósito que se coloca diante de nosso Ioga é nada menos que acelerar esse objetivo supremo de nossa existência aqui. Seu processo deixa para trás o relutante método habitual de crescimento lento e confuso da evolução.

No Ioga, substituímos esse passo de caranguejo, confuso e tortuoso, por uma evolução rápida, consciente, dirigida, que é planejada para nos levar o mais longe possível, em uma linha reta para o objetivo fixado.

O ser humano tem diante de si a possibilidade de um novo nascimento, a ascensão a um plano de existência superior e mais vasto e de fazer descer esse plano para transformar todas as partes de seu ser.

Uma consciência mais vasta, iluminada, é possível, que fará do ser humano um espírito liberado e uma força aperfeiçoada – e, se espalhada mais além do indivíduo, essa consciência poderia mesmo constituir uma humanidade divina, ou, então, mesmo uma espécie nova supramental e, portanto, supra-humana. É esse novo nascimento que é nosso objetivo: todo o sentido de nosso Ioga é fazer crescer em nós uma consciência divina.

Nosso propósito no Ioga é banir esse ego limitado cujo o olhar está voltado para fora e entronizar Deus em seu lugar. A vida espiritual obterá sua substância não no desejo, mas no puro deleite espiritual da existência essencial.

Página 94

Um Ioga das Obras, uma união com o Divino em nossa vontade e em nossos atos, e não apenas no conhecimento e nos sentimentos, é então um elemento indispensável de um Ioga Integral. A conversão de nosso pensamento e de nosso sentimento sem uma conversão correspondente de nossas obras seria uma realização mutilada.

Página 95

Tudo deve ser oferecido para que tudo possa ser utilizado da maneira mais direta pela Vontade divina que está escondida por essas aparências.

Nossa vida e obras limitadas, deformadas, egoístas, devem ser transformadas por completo no fluxo vasto e direto de uma Vida, Vontade e Energia divinas maiores. Por meio de nós deve ser alcançada uma transmissão não deformada do propósito e processo perfeitamente sábios de um Poder onisciente e de um Conhecimento onipotente agora escondidos, que farão de toda a nossa natureza transmutada seu canal puro, sem obstrução.

Página 98

Enquanto vivermos na aparência ignorante seremos o ego e estaremos sujeitos aos modos da Natureza. Escravos das aparências, ligados às dualidades, a oscilar entre o bem e o mal, o pecado e a virtude, o pesar e a alegria, a dor e o prazer, a boa ou a má fortuna, o sucesso e o fracasso, giramos impotentes no círculo da roda de Maia.

Se ao contrário, vivermos na realidade unificada de Brahman, passaremos além do ego e acima da Natureza.

Ao alcançar uma igualdade perfeita em nossa alma, mente e coração, realizamos nosso verdadeiro self de unidade, que é o uno com todos os seres e uno também com Aquilo que se expressa neles e em tudo que vemos e experienciamos. Essa **igualdade e unidade** são os alicerces gêmeos indispensáveis para edificar um ser divino, uma consciência divina, uma ação divina.

Se não formos uno com tudo não seremos espirituais nem divinos. Se não tivermos igualdade de alma diante de todas as coisas, acontecimentos e criaturas, não poderemos ver espiritualmente, não podemos conhecer divinamente, não poderemos sentir divinamente os outros.

Página 99

Há uma Vontade divina secreta, eterna e infinita, onisciente e onipotente, que se expressa em cada detalhe de todas as coisas temporárias e finitas, inconscientes ou

semiconscientes. Esse é o Poder ou a Presença de que trata a Gitã quando fala do Senhor no coração de todas as existências.

Essa Vontade divina não é um Poder alheio nem uma Presença alheia; está em íntima relação conosco e somos parte dela; ela é nosso próprio Self superior.

Página 100

Nosso Self superior que possui e sustenta esse Poder universal, não é o ego, não é nossa natureza pessoal; ele é transcendente e universal, e essas coisas menores são apenas sua espuma e sua superfície fluente.

Se entregarmos nossa vontade consciente e lhe permitirmos unir-se à vontade do Eterno, então, e só então, poderemos alcançar uma verdadeira liberdade; ao viver na liberdade divina não nos apegaremos mais, essa ignorante liberdade de marionetes, ilusória, relativa, ligada ao erro de seus pequenos motivos vitais.

Página 101

A alma individual pode identificar-se com o Purusha que flui da experiência ou com a Prakriti ativa. Se essa alma individual identificar-se com a Prakriti, não será ela quem governará, mas apenas refletirá os modos e as operações da Prakriti. Por sua identificação, ela entra na sujeição e na ação mecânica que a caracterizam. Assim se forma e se desenvolve a natureza animal, estreita em consciência, rudimentar em inteligência, rajásico-tamásica em seus hábitos e impulsos vitais.

Emergindo da grande Inconsciência em direção ao estado espiritual, o ser encarnado libera sattva, o modo da luz, e adquire uma liberdade, maestria e conhecimento relativos que lhe dão certo senso. O ser humano, o ser mental em um corpo físico, deveria ter essa natureza sátvica, mas não a tem, salvo alguns raros indivíduos em meio à multidão de corpos.

Com o ser humano começa a ascensão em direção a verdadeira natureza do Purusha - livre, mestre, que sabe e frui – mas essa ascensão é ainda incompleta, travada e frustrante.

Página 102

O sinal da imersão da alma encarnada na Prakriti, é uma consciência que se limita ao ego. A marca viva dessa consciência limitada é uma desigualdade constante da mente e do coração, um conflito confuso, uma desarmonia.

A alma gira no círculo sem fim dos contrários que seduzem e afligem: sucesso e derrota, boa e má fortuna, bem e mal, pecado e virtude, alegria e tristeza, dor e prazer. É apenas quando a alma desperta de sua imersão na Prakriti e percebe sua unidade com o Um e com todas as existências, que ela pode se liberar dos contrários e encontrar a base de uma relação justa com a Natureza, então a alma se torna capaz de maestria e liberdade. O espírito encarnado continua a agir, mas não está mais envolvido na ignorância.

O inteiro movimento da Natureza se torna, para sua experiência, semelhante às ondas que sobem e descem na superfície, sem jamais afetar sua própria paz, insondável, seu vasto deleite, sua imensa igualdade universal, sua existência divina sem limites.

Viver em Deus e não no ego, mover-se nos vastos fundamentos da consciência da Alma total e do Transcendente, e não na pequena consciência egoísta.

Ser perfeitamente igual diante de todos os eventos e de todos os seres, ver e sentir que eles são um com nós mesmos e com o Divino, sentir que tudo está em nós e que tudo está em Deus; Deus em tudo e nós mesmos em tudo.

Página 103

Agir em Deus e não no ego. E, primeiro, não escolher a ação em função das necessidades e normas pessoais, mas em obediência aos comandos da suprema Verdade viva acima de nós, não mais agir por nossa vontade própria separada, mas deixar cada vez mais a ação acontecer e desenvolver-se sob o impulso e a guiança de uma Vontade divina que nos ultrapassa; sentir um movimento dinâmico não dominado pelos desejos mortais, nem pelos instintos e impulsos vitais, nem pelo livre-arbítrio mental ilusório, mas concebido de maneira luminosa e desdobrando-se em um autodeleite imortal e um autoconhecimento infinito.

Por quais etapas práticas de autodisciplina chegaremos a essa consumação?

A eliminação de toda atividade egoística e da consciência egoística que é sua fundação é, evidentemente, a chave. Visto que, no Caminho das Obras, a ação é o nó que é preciso

desatar primeiro, devemos nos reforçar para desfazê-lo em seu ponto central, no desejo e no ego. Esses são os dois nós de nossa sujeição a essa Natureza ignorante e dividida; desejo tem sua moradia natural nas emoções, sensações e instintos; é de lá que ela afeta o pensamento e a volição. Esses são os dois obscuros poderes gêmeos da Ignorância obsedante e imensa que devemos aclarar e eliminar.

Página 104

Portanto a primeira regra de ação colocada pela Gitã é fazer o trabalho que deve ser feito sem desejo [egóico] algum por seu fruto.

Página 105

Devemos aprender a receber os choques do mundo mantendo a parte central de nosso ser inalterada e silenciosa, mesmo quando a mente, o coração e a vida de superfície são fortemente sacudidas; devemos separar a alma que observa por trás das ações externas de nossa natureza, ou que permanece imune a elas nas profundezas interiores.

Em seguida, ao estender aos instrumentos a calma e a estabilidade da alma, aos poucos, fazer irradiar a paz do centro luminoso até a periferia mais sombria. No final, é preciso chegar a uma igualdade completa, uma paz interior perfeita autoexistente e a um deleite que tem sua fonte em si mesmo, total, inatacável, espontâneo, em todas as partes de nosso ser.

Mas como, então, continuaremos a agir? Pois em geral o ser humano age porque tem um desejo ou sente que algo lhe falta, ou por alguma necessidade mental, vital ou física. Se nenhum desses desejos, ou desejo algum, deve ser a mola de nossa ação, parece que toda força motriz, ou todo incentivo, foi removido, e que a própria ação deverá, necessariamente, cessar.

A Gitã nos responde que a ação deve ser feita em uma consciência cada vez mais voltada para Deus e, nossas obras devem ser um sacrifício ao Divino e, no final, uma entrega de todo nosso ser, mente, vontade, coração, sentidos, vida e corpo ao Um, deve fazer do amor de Deus e do serviço para Deus nossa única motivação.

Essa transformação da força motriz e do próprio caráter das obras, é, na verdade, a ideia central da Gitã; esse é o fundamento de sua síntese única das obras, do amor e do conhecimento.

Página 106

No final, não é o desejo, mas a vontade do Eterno, sentida de maneira consciente, que permanece como a única condutora de nossa ação e a única origem de nossa iniciativa. Igualdade, renúncia a todo desejo pelo fruto de nossas obras, ação feita como um sacrifício ao Ser supremo – esses são os três primeiros passos em direção ao Divino na via do Carma-Loga traçada pelo Gitã.